

ROTEIRO
das casas
clandestinas
ALVALADE



A LIBERDADE PASSOU POR AQUI

25
Abril
2026



ROTEIRO das casas clandestinas ALVALADE



A clandestinidade não se destinava a esconder do povo a actividade do PCP, mas sim a defender os militantes da repressão.

O Partido foi ilegalizado após o 28 de maio de 1926, a continuidade da sua ação só foi possível nas mais duras condições de clandestinidade, assente num reduzido, mas sólido quadro de funcionários inteiramente dedicados à luta revolucionária e de uma estrutura de ligação às massas.

O aparelho e a organização clandestina do PCP foram a espinha dorsal e o principal motor da luta antifascista, as casas clandestinas, constituíram "pontos de apoio", assentes numa rede distribuída por todo o território nacional, tornando-se uma peça importante na defesa do partido, que obedecia ao cumprimento de severas medidas, a mudança de instalação era frequente e ocorria sempre que se verificava a menor suspeita da vizinhança ou de vigilância policial.



Rua António Patrício nº 14

Casa de Flora Magro

Passou parte da vida a caminho das prisões políticas fascistas, onde estiveram, enquanto presos políticos, o filho José Alves Tavares Magro, a nora Aida de Freitas Loureiro Magro e o genro Joaquim Pires Jorge, todos militantes ou dirigentes do Partido Comunista. Deslocou-se constantemente à Rua António Maria Cardoso, sede da PIDE, onde a conheciam muito bem, ao Aljube, a Caxias e ao Forte de Peniche, já que o filho esteve 21 anos preso, a nora seis e o genro, quando o conheceu, dez.

25 ABRIL 2026



2 

Avenida Rio de Janeiro, n.º 4

Casa de José Dias Coelho e Margarida Tengarrinha em 1955/1956

Responsáveis pela criação, da "oficina" de produção de documentos de identificação e outros necessários à intervenção clandestina do Partido. José Dias Coelho entrou para a clandestinidade em outubro de 1955 e Margarida Tengarrinha, em finais de 1954. Das suas mãos saíram peças, desenhos intemporais e documentos, que, sendo falsos, passaram o crivo da censura e do fascismo. José Dias Coelho, foi morto pela PIDE em 1961, um crime hediondo, que seria evocado por José Afonso na canção A Morte Saiu à Rua que homenageia o pintor e resistente morto numa rua de Lisboa. Nesta casa foi copiografado o nº 1 de "A Voz das Camaradas" em junho de 1956.



3 

Estádio 1º de Maio, entrada da Rio de Janeiro

Aqui celebrou-se o 1.º de Maio de 1974 em Lisboa, uma imponente consagração popular do 25 de Abril. Respondendo ao apelo da Intersindical, criada em 1970, o povo celebrou nas ruas o fim da ditadura fascista, o fim de quase meio século de terror, miséria e obscurantismo. A Alameda D. Afonso Henriques foi o ponto marcado para a concentração de onde um mar de gente a perder de vista rumou para o então Estádio da FNAT (Fundação Nacional para Alegria no Trabalho, criada pelo fascismo), rebatizado depois, como Estádio 1.º de Maio.



4 

Avenida do Brasil, n.º 164

Casa/ Tipografia clandestina que acolheu Eduardo Pires, Maria da Glória, o filho de ambos, Carlos Pires e Alice Capela. A tipografia clandestina era, exteriormente, uma casa como outra qualquer, mas no seu interior os tipógrafos recebiam os textos, imprimiam e entregavam-nos ao aparelho de distribuição, possibilitando a impressão do jornal Avante! desde 1931 e outro material de propaganda.

**“Não há livro nenhum
que nos ensine a defender,
no concreto, uma casa
clandestina.”**

Manuel Pedro, *Sonhos de poeta,
vida de revolucionário*, Lx,
Ed. «Avante!», 2004, p. 197